



VERSÃO BETA

CARLOS COSTA

"Versão Beta" estreou a **27 de outubro de 2021** no **Teatro Académico de Gil Vicente** em Coimbra, com a seguinte ficha artística:

Texto, Direção e Interpretação **Carlos Costa**

Espaço Cénico **Inês de Carvalho**

Vídeo **Sara Allen**

Desenho de Luz **Pedro Correia**

Banda Sonora Original e Sonoplastia **João Martins** *com a participação de Maria Martins*

Cocriação **Ana Vitorino**

Coordenação de Produção **Alice Prata**

Produção Executiva **Pedro Monteiro**

Assessoria de Imprensa **Joana de Belém**

Coprodução **Visões Úteis / Teatro Académico de Gil Vicente**

Agradecimentos Editora Relógio d'Água, Museu Futebol Clube do Porto e Alice Costa, Carlota Castro, Cátia Vilaça, Daniel Pires, Fernando Matos Oliveira, Inês Filipa Silva, Isabel Ferreira, Jorge Maurício, José A. Nunes, Lola Arias, Luís Mestre, Mafalda Banquart, Marta de Baptista, Miguel Falcão, Ricardo Correia, Hernâni

O Visões Úteis é uma estrutura financiada pela Direção-Geral das Artes do Ministério da Cultura do Governo de Portugal



Este texto está sujeito a uma licença [Creative Commons - Atribuição - Uso Não Comercial - Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Portugal](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/pt/). Por favor utilize, partilhe e transforme para fins não comerciais. Mas credite sempre o original e partilhe as obras derivadas do mesmo modo.

Antes de começar a falar, arranco a contagem do tempo num cronómetro, no relógio de pulso.¹

Imaginem: Eu tinha acabado de fazer 15 anos.

Ou então, não me imaginem a mim com 15 anos.

Imaginem-se a vocês com 15 anos.

Não digo a vocês todos, claro – era impossível tentar imaginar todas as pessoas que estão aqui com 15 anos. E mesmo que conseguissem ficávamos com uma multidão de adolescentes na sala, o que também não ajudava ao que pretendo – o que digo é cada um lembrar-se de si próprio com 15 anos.

Ou se preferirem, podem fazer um exercício de abstração e pensar nisso dos 15 anos, em geral, sem pensarem em mim, sem pensarem em vocês, sem pensarem nas outras pessoas à vossa volta.

Ou então, também não. Não tem sentido estar aqui a dizer-vos o que devem imaginar. Imaginem o que quiserem, ou não imaginem nada. Mesmo que eu diga para imaginarem alguma coisa – sei lá, pela força do hábito – já sabem que não têm de se preocupar com isso.

(olho para o cronómetro) Outra vez. Imaginem: Eu tinha acabado de fazer 15 anos. Estamos no outono de 1984. De repente, o meu pai chega a casa com um leitor de vídeo, um gravador de vídeo. O sistema do vídeo chamava-se BETAMAX. Na altura era normal a criação de sistemas incompatíveis – sistemas que não permitiam reproduzir as cassetes dos outros sistemas – e o BETAMAX era o sistema da Sony, completamente fechado, só a Sony o fabricava. E toda a gente jurava que o BETAMAX era o melhor. E até seria, porque quando se fazia *Fast Forward* ou *Rewind* não desgastava a fita. Mas isto é um detalhe e peço-vos que não se fixem em detalhes, mas apenas no que interessa. Já é a segunda coisa que

¹ Neste texto, o tempo presente é 2021, ano da edição e da estreia do espetáculo. Ao vivo, as referências a 2021 são substituídas por referências ao ano em curso, provocando uma alteração nos cálculos que implicam a relação do presente com passado e futuro.

vos peço: Que não imaginem o que eu vos diga para imaginar e que não se fixem nos detalhes que eu aponto. OK?

E o que interessa aqui é que o BETAMAX vai ser arrasado por outro sistema, o VHS. Porque a JVC – a empresa que inventou o VHS - partilha o sistema com quem o queira fabricar. Toda a gente a fabricar VHS's e o BETA a desaparecer. Isto não é nostalgia: Ah que saudades dos sistemas antigos só porque são obsoletos. É uma situação prática, e tramada para quem comprou um BETA e só encontra cassetes VHS.

Bom, isto também não interessa, porque a falência do sistema BETA é posterior ao momento que vos tento descrever. Porque neste momento toda a gente pensa que o BETA é o melhor sistema, e o que vos peço é que tenham em consideração, a cada momento, apenas o que é conhecido nesse momento, ignorando o que só se vem a saber mais tarde.

Eu sei que é a terceira coisa que vos peço, mas prometo que é a última, portanto, recapitulando: Não imaginem o que eu diga para imaginar, não se fixem em detalhes, não se deixem levar por informação posterior.

(olhando para o cronómetro e dirigindo-me a um leitor de vídeo) Reparem, este não era, perdão, este não é um BETAMAX qualquer, mas um topo de gama, um C-80 que até permitia avançar fotograma a fotograma - fotograma a fotograma! - e que só era superado pelo C-9; que já não sei bem o que fazia, mas era o melhor de todos.

(sentando-me) Então, eu estou aqui na sala, já é tarde, estou praticamente às escuras e concentro-me nas luzinhas de *stand-by* à minha volta: A televisão à minha frente, o sistema de som à esquerda, com o amplificador, o gira-discos – ainda não existiam CDs, claro – um leitor de cassetes e até um leitor de bobines daqueles antigos, e à direita o BETAMAX C-80, o que tem mais luzinhas.

Pego numa cassete Beta.

Nas minhas mãos tenho uma cassete BETA, a primeira. Nas minhas mãos naquela altura. Agora também, mas agora não importa porque agora só a tenho nas mãos para vos falar de quando a tinha mesmo nas mãos.

Nem sequer foi comprada, veio de brinde com o aparelho. Tem apenas 30 minutos de duração, preenchidos com testes dos modos de gravação, as mudanças de canal, a articulação de antenas – naquela altura, no Porto, era normal haver duas antenas, uma para ver os dois canais da televisão portuguesa e outra para ver os dois canais da televisão espanhola – portanto uma para ver Portugal e outra para ver o resto do mundo, que na altura era a Espanha.

E o que é que está gravado nesta cassete? Nada de especial, apenas experiências, era o que calhasse de estar a ser transmitido. E eu estou ali, com a cassete nas mãos – cassete que nunca mais será utilizada, porque ninguém se atreveu a gravar nada por cima destes primeiros registos. Apesar de inúteis e desinteressantes, era como se assumissem um carácter sagrado. E eu estou ali com a cassete nas mãos – nas mãos mesmo, não nas mãos como agora – estou ali e penso, com toda a convicção possível, que sou a pessoa mais feliz do planeta e que cheguei ao fim dos tempos, a um momento em que controlo toda a circulação de imagens no mundo, e controlo uma tecnologia que não pode evoluir muito mais, com um comando que me permite andar para trás e para a frente a ver uma e outra vez o que até aí só podia ser visto, só podia ser vivido, uma única vez. É a própria passagem do tempo que eu controlo.

Fico aqui, no mais absoluto silêncio, a gozar esta sensação de imortalidade e a rever, uma e outra vez, estas imagens.

(pegando num comando BETA) E qual foi a primeira coisa que eu gravei nesta cassete?

Qual foi, para mim, o início deste novo mundo de som e imagem que Gutenberg nunca podia ter imaginado?

1984.

Podia ter sido o último voo da *Challenger* ou o primeiro da *Discovery*?

A descoberta do vírus da SIDA?

As greves nas minas de carvão do Reino Unido e a tentativa de assassinato da Margaret Thatcher; ou o ataque do exército indiano ao Templo Dourado dos Sikhs e o assassinato da Indira Ghandi?

As manifestações em São Paulo, em plena ditadura militar, com as pessoas na rua a gritar “Diretas Já!”?

Ou então, não sei, algo divertido pelo anacronismo, como o direito de voto das mulheres no Liechtenstein ou o Vaticano a perdoar a Galileu por ele ter dito que a Terra girava à volta do sol?

Provavelmente, não ia gravar a vitória esmagadora do Ronald Reagan nas eleições presidenciais, mas podia ter gravado uma piada que ele fez, em direto na televisão, a dizer que ia bombardear a União Soviética passado cinco minutos?

Ou então os jogos olímpicos de Los Angeles – que a União Soviética boicotou – ou a primeira *Ted Talk*, ou o lançamento do “Born in the USA” do Springsteen, ou o Steve Jobs, é isso, o Steve Jobs a apresentar o primeiro Macintosh, e a multidão completamente louca a gritar como se visse o futuro.

Quero dizer, podia ter escolhido, como primeira gravação audiovisual da minha vida, algo que hoje me enchesse de orgulho, aqui, perante vocês a dizer: A primeira coisa que eu gravei na vida foi... e depois mostrava; mas não.

*Arranco o leitor BETA com o comando. Excerto de “Missing You”, John Waite:
“Every time I think of you, I always catch my breath. Pausa num frame de John Waite.*

John Waite. Em 1984, a primeira coisa que decidi gravar, que me pareceu bem gravar, foi o único sucesso numa carreira que praticamente não é lembrada por mais nada. Mas isto é o início. Só o início. Se isto fosse um espetáculo, era a introdução.

Stop no leitor Beta.

Só muito depois de 1984, em 2008, é que surge esta necessidade, esta que sinto hoje e que é importante quanto mais não seja por ser de hoje, esta que só vai desaparecer em 2038. Desaparecer para mim. Peço-vos que não confundam o que eu afirmo sobre mim com uma tentativa de generalização. Longe de mim. Pedi outra coisa, pois foi? Disse que não pedia mais nada e pedi outra coisa. Desculpem, é mesmo só mais esta. Então: Não imaginem o que eu vos peço, não se fixem em detalhes, não se deixem levar por informação posterior, não generalizem nada a partir deste contexto minúsculo.

Claro que a necessidade que vos descrevo permanece depois de 2038. Olhem, o Arquivo Nacional. Vocês sabem o que é que se faz na Torre do Tombo, o que eles fazem fechados naquele *bunker*? (*sentando-me*) Se calhar imaginam os técnicos aflitos a tentar conservar um livro antigo, uma primeira edição dos Lusíadas, o testamento de um rei, o tratado de Tordesilhas; todos fechados numa cave com batas, luvas, máscaras, combatendo as infestações que ameaçam destruir o papel, o piolho dos livros, o peixe de prata, a térmita, o caruncho. Mas não. Essa parte é fácil, está controlada, vamos ter a nossa papelada segura durante séculos. Difícil não é isso. Difícil, para os técnicos no *bunker* do Arquivo Nacional, é saber como conservar um PDF, um JPEG, um MP4, isso é que eles não fazem ideia, não fazem ideia do que fazer para conseguir levar um PDF para o futuro. Mas não é o futuro daqui a três ou quatro séculos, é o futuro daqui a 30 ou 40 anos. Não sabem! E o que eles fazem na cave é tentar desenrascar às três ou quatro décadas de cada vez: Vamos lá ver o que é que se pode fazer para abrir um PDF em 2050. O que não anda muito longe do que eu tento fazer, de 2008 a 2038, três décadas e uma ideia que parecia simples.

(*pegando numa edição de Samuel Beckett, Krapp's Last Tape*) Esta peça de teatro. O autor é o Samuel Beckett; foi Prémio Nobel da Literatura. Não é uma peça complicada, é a história de um tipo, meio louco, vá lá, no mínimo pouco saudável, que decide registar, todos os anos, as suas impressões acerca do ano que passou. E como isto foi escrito nos anos cinquenta, ele fazia os registos numa bobine, (*avançando para um leitor de bobines Grundig e pegando numa bobine*) num gravador destes. Microfone incorporado, colunas de som incorporadas, e até se vendiam bobines pré-gravadas, acreditam?

Arranco o leitor de bobines. Som através das colunas incorporadas no leitor: Um tango: A media luz.

Esta que estamos a ouvir é a número um. *A media luz, Tango Cubano, La Cumparsita, Bodas de ora com el tango. (com outra bobine na mão)* E sem qualquer preocupação com direitos de autor, era incrível, foi incrível durante muito tempo (*avançando para leitor de cassetes áudio Sony e pegando numa cassete BASF*) porque mesmo nos anos oitenta – mais ou menos na altura em que aparece o nosso leitor de vídeo, também aparecem estas cassetes verdes que se vendiam na Tubitek, uma loja de discos na praça D. João I, no Porto, cheias de música de um lado e doutro – de um lado e doutro porque estas têm dois lados, a fita tem dois lados. E ainda assim são menos lados que as bobines que têm quatro lados. Eu sei que parece impossível: Como é que uma fita praticamente bidimensional pode ter quatro lados? Só se fosse muito grossa, sólida como um paralelepípedo? Claro que a fita só tem dois lados, mas cada lado incorpora duas bandas, em largura, portanto dois lados vezes duas bandas, quatro lados. Mas atenção, porque isto – na cassete verde, não na bobine – não era só música, era música misturada, nunca parava, não havia pausas entre as faixas, reparem, entrava uma em cima da outra, para nunca ser preciso parar de dançar, era lindo.

Arranco o leitor de cassetes. O som sobrepõe-se ao do leitor de bobines. Passagem misturada entre duas músicas. Desligo o leitor de cassetes, permitindo que a banda sonora do leitor de bobines seja ouvida outra vez. Desligo o leitor de bobines. Olho para o cronómetro.

Onde é que eu estava? (*olhando para o calendário*) Em 2038. (*trocando cassete e bobine pelo livro anterior*) Então, este tipo fazia registos dos próprios comentários e na peça ele está a gravar os comentários do ano em que faz 69 anos e a ouvir os comentários de há 30 anos, quando tinha 39. Fazer isto é simples: Basta gravar, nas bobines ou noutro suporte qualquer, as partes que se ouvem em *off* e ir tocando a coisa para a frente com o ator a ouvir a sua própria voz gravada 30 anos

antes. Alegadamente gravada 30 anos antes, porque ninguém ia ficar 30 anos à espera para fazer um espetáculo. A voz é uma coisa que não muda assim tanto nos adultos. A menos que se pretenda, além da voz, gravar a imagem, porque aí já é necessário mostrar um rosto que tem de ser mais jovem. Aí sim, podia valer a pena esperar 30 anos para ter, 30 anos depois, o ator a contracenar com a sua própria imagem, gravada 30 anos antes. Claro que era um pouco estúpido em termos de produção: Sabes, estou a traduzir uns textos e a filmar para um espetáculo. “Ah, é? e quando é que estreia?” Daqui a 30 anos. *(regressando ao calendário)* 2038, estreia em 2038. Portanto já faltou mais. Já faltaram os tais 30 anos. *(apontando para 2038)* Agora só faltam 17 anos para poder fazer isto, em 2038, com as imagens gravadas em 2008.

Abandono o livro. Arranco as imagens de mim em 2008, interpretando os offs de Krapp's Last Tape; sem som.

Não se nota muito, pois não? Digo a passagem do tempo. Não estou assim muito mais velho, pois não? Espero que daqui a 17 anos se note bem mais. Seria frustrante ter este trabalho todo e depois chegar aos 69 e as pessoas dizerem que não se notava diferença nenhuma para as imagens dos 39:

“O quê? Gravaste aquilo em 2008, eh pá, não se notava nada, estás mesmo bem conservado, parecias mesmo tu como estás agora, um bocadinho de maquilhagem e tal, mas não se notava nada.” Isso era mau. *(pausa na leitura da imagem)* Mas acho que se vai notar. *(coloco-me ao lado da imagem de mim, imóvel para que o público possa avaliar)* Acho que agora só se nota um bocadinho, mas tenho esperança que daqui para a frente seja sempre a piorar, exponencialmente percebem, pelo menos é o que se diz que acontece, e aí sim, terá impacto: “Eih coitado, como o tempo passou por ele, está mesmo acabado!” Vai ser espetacular.

O que é que me falta então:

A) Não morrer. Se morrer antes de 2038: Cancelado.

B) Não me reformar. Se estiver vivo mas reformado: Cancelado.

C) Ter saúde. Se estiver vivo, ainda trabalhar, mas já debilitado – memória, audição, visão, enfim tudo o que é necessário para um trabalho mais exigente: Cancelado.

D) Arranjar quem queira pagar isto. Se estiver vivo, ainda a trabalhar, com saúde, mas ninguém quiser pagar para ver um velho a fazer uma coisa destas: Cancelado.

e finalmente E) Conseguir levar estas imagens comigo até 2038. Porque se é difícil para os especialistas da Torre do Tombo, imaginem para mim!

A imagem de mim em 2008, sem som, avança fotograma a fotograma. Pego em mini-DVD e câmara.

Comecei por gravar em mini-DVDs, estes disquinhos que encaixavam nas câmaras vídeo da primeira década do século. Depois a câmara avariou e deixou de ser possível ver os discos. *(pegando num DVD e abandonando câmara)* Então, em 2012 passei os ficheiros de 2008 para um DVD. *(pegando num disco rígido)* Mas entretanto também começou a ser difícil visionar o DVD, e por isso, em 2014, passei os ficheiros para o disco rígido; sem nunca os ter modificado até aqui, portanto começaram a ficar desatualizados. *(pegando num disco externo)* E agora, em 2021, converti os ficheiros para um formato mais recente, num disco externo, claro, para ser mesmo seguro.

Olho para o calendário, sempre com mini-DVD, DVD, disco rígido e disco externo nas mãos.

E ainda me faltam 17 anos. Se ao menos tivesse tomado esta decisão em 1984, se me tivesse gravado em 1984 numa destas cassetes BETA, não por acaso, mas para fazer um espetáculo em, $1984 + 30 = 2014$, estava feito, não custava nada,

era só ir à gaveta buscar a cassete mais o leitor e pronto. Mas assim, ainda me faltam 17 anos e esta constante mudança de formatos.

(abandonando discos e olhando para o cronómetro) Claro que tudo isto pode ser tempo perdido. Não pelas alíneas ABCDE de há pouco – morrer, reformar-me, etc - porque isso são coisas... *(hesito, passo as mãos pelo corpo)* coisas minhas... mas por causa dos herdeiros. *(pegando novamente no livro)* Não digo os meus. Os do Beckett. É que os herdeiros do Beckett são terríveis, sempre a controlar como é que as coisas são feitas, e que não se podem usar textos não dramáticos para fazer teatro, e que nos textos dramáticos se tem de seguir as indicações à risca – e logo as dele que são completamente paranoicas: *(lendo)* Levanta a cabeça, olha para o público, inclina-se sobre o gravador, cotovelos na mesa, mão no ouvido. Insuportável, como se não percebesse que está morto e que ninguém tem de continuar a imaginar o que ele imaginou. E os herdeiros, até 2059, porque ele morre em 89, portanto $89 + 70$ anos de direitos de autor = 59, até 2059 eles ainda me podem vir dizer que não: “Não pode colocar esses excertos em vídeo porque o tio-avô escreveu para bobines.” Foda-se para bobines, devem estar a brincar comigo, quem é que hoje tem um gravador de bobines para sequer pensar em fazer isto com bobines? *(Stop no filme de 2008. A imagem de mim desaparece)*
Ninguém!

(Olhando para o gravador de bobines Grundig) Sem contar comigo, claro, porque este é um contexto inverosímil em que eu juntei estas coisas todas que não estavam juntas. Aliás se eu não tivesse prometido ainda há pouco que não vos pedia mais nada, pedia-vos agora para não acreditarem nestas coisas todas juntas, nas que eu juntei em cima das mesas e nas que eu juntei para vos contar. Mas o prometido é devido e não vou somar isto ao que já pedi atrás – aquilo do não imaginar, não detalhar, não acrescentar, não generalizar – por muito importante que seja não vos peço mais nada. Mas quem é que tem uma situação destas, quem é que pode pensar a partir de uma situação destas? Ninguém!

Recupero o livro.

Enfim, quem é que quer saber dos sobrinhos-netos do Beckett? Não lhes digo. Em 2038 não lhes digo nada. E se perguntarem digo que sim: Sim, é para fazer com um gravador de bobines tal e qual como o tio-avô escreveu: Levanto a cabeça, olho para o público, inclino-me sobre o gravador, cotovelos na mesa, mão no ouvido. Se calhar, não devia ter dito isto. Isto de ir enganar os descendentes do senhor, ir atraiçoar a sua última vontade. Pode ser estúpida, mas não deixa de ser respeitável, legítima; (*trocando o livro por um código do direito de autor e dos direitos conexos*) e sobretudo legal. Se calhar não devia ter dito à vossa frente que em 2038 pretendo cometer um crime: (*lendo*) Um crime de usurpação, artigo 195 do código do direito de autor e dos direitos conexos, quem estando autorizado a utilizar uma obra exceder os limites da autorização concedida (...) será punido com pena de até três anos de prisão.

Regresso ao calendário.

Três anos de prisão ainda é um bocado e acabava por atrasar este processo e empurrá-lo para $38 + 3 = 2041$. O melhor é cortar esta referência. Cortar agora: Não dizer que vou fazer isto. Claro que agora - digo agora agora - não posso, porque já disse. Mas amanhã - que ainda é agora, não tão agora como hoje, mas ainda assim muito agora se pensarmos em 2038 - amanhã não digo isto, não digo que pretendo cometer um crime daqui a 17 anos, não digo.

(*recuperando o livro*) Claro que eu até posso estar aqui a dizer que pretendo cometer um crime e ainda assim não o estou a cometer só por dizer que o pretendo cometer, porque posso sempre arrepender-me e não o cometer.

Não, é melhor não, não faço mais nenhuma referência a isto, nenhuma, a sério. (*olhando para o cronómetro*) É uma perda de tempo (*abandonando livro e código e sentando-me*). É como se eu evitasse caminhar no sentido da rotação da Terra; (*exemplificando*) para ali. E insistisse em seguir apenas o sentido oposto à rotação do planeta; (*exemplificando*) para ali. Coisa estranha, se calhar é uma doença. Mas

não era, não nasci assim, (*pegando na cassete BETA*) porque quando gravei isto foi um ato inocente e saudável – estava só a experimentar o gravador e depois a cassete foi ficando, não houve premeditação, juro, não estava ali a pensar: Ai, deixa-me encher esta cassete com lixo porque se calhar em 2021 até pode dar jeito para fazer um espetáculo. Claro que não. Mas aqui sim (*pegando nos discos*) aqui foi premeditado, foi feio, foi mau, porque estava mesmo a pensar em utilizar isto 30 anos depois – que lata, que arrogância, 30 anos depois. Portanto, se em 1984 ainda não sofria desta patologia e se em 2008 já estava claramente doente, então a infeção tem de ter acontecido entre uma data e outra. E o pior é que eu sei exatamente quando foi, quando é que isto me aconteceu.

Vou buscar a imagem de mim a ler um livro com uma camisola às riscas horizontais. Impressa em grande formato, para colocar em exposição.

Uma tarde de agosto de 1995 – não posso precisar o dia - a bordo de um barco que atravessa o Mar Egeu. Tenho 25 anos. Tenho 52 anos. Tinha partido de Chios, uma ilha grega junto à Turquia; o destino era Salónica.

Dá para perceber que estou meio cego pelo sol, que nesta altura já está baixo. Repararam? Os olhos meio fechados? Vê-se bem. Estamos a passar ao largo dos mosteiros do Monte Athos, uma república monástica na costa, mais a norte; mas isso não se consegue ver.

Vou buscar um livro que retiro do topo de uma pilha.

Na verdade, eu já tinha comprado este primeiro volume - Em Busca do Tempo Perdido - há quase quatro anos – no Natal de 1991 – mas só agora, neste preciso momento - reparem nas minhas mãos, reparem na meia dúzia de páginas para a esquerda e na imensidão para a direita - neste preciso momento é que inicio a leitura. Não foi de propósito, juro. Não pedi para me fotografarem. Mas deixei que me fotografassem. Esta é que é a questão. Deixei que me fotografassem. Achei

natural que me fotografassem quando ingenuamente começava uma tarefa gigantesca. E isto é exatamente o contrário do que teria sentido, do que eu devia ter feito.

Abandono o primeiro volume. Vou buscar a imagem de Marilyn Monroe a ler um livro com um fato de banho às riscas horizontais. Impressa em grande formato, para colocar em exposição (An Appreciation, Eve Arnold / Magnum Photos).

Reparem, isto é que tem sentido, deixas que te fotografem quando estás a terminar alguma coisa – Marilyn Monroe, fotografada por Eve Arnold, a terminar a leitura do *Ulysses*, do James Joyce – a terminar, reparem como as páginas estão quase todas para a esquerda e sobram pouquinhas para a direita. *(apontando a imagem de mim no barco)*. É exatamente o contrário desta ingenuidade. E o pior é que parece que planeei vestir uma camisola às riscas que fizesse lembrar o fato de banho dela. E porquê? Porque é que ele pensa que tem tempo? Porque pensa bem, porque tem mesmo muito tempo. Então, no Natal de 1991, quando compra o primeiro volume, tem 22 anos, e nessa altura a esperança de vida para um homem português é de 70 anos; portanto, vamos fazer contas: $70 - 22 = 48$. Tem 48 anos para terminar a leitura.

Regresso à pilha com os restantes volumes de “Em Busca do Tempo Perdido”; recupero o primeiro volume.

São sete volumes. Sete volumes em 48 anos. $7 \times 7 = 49$. Praticamente sete anos por volume. *(recuperando o primeiro volume)* Ou seja, em 1995, quando começa mesmo a tarefa, no barco, está mais ou menos a meio do prazo para completar a leitura do primeiro volume. Muito a tempo. Tanto a tempo que o primeiro volume foi despachado entre 1995 e 1998, sempre à volta do mediterrâneo: Grécia, Síria, Tunísia, Nápoles, não sei porquê, mas sempre à volta do mediterrâneo, *(apontando a imagem de Marilyn Monroe)* como o *Ulisses*, mesmo em cima dos sete anos possíveis para o primeiro volume. Sucesso!

Abandono o primeiro volume, iniciando uma segunda pilha. Pego no segundo volume.

É no segundo volume que se começa a sentir que alguma coisa não está bem. Não que falhe o prazo. Principia em 1999 e termina cinco anos depois, em 2004, portanto até está dois anos à frente do limite traçado, de sete anos por volume. Mas já se nota uma preocupação excessiva com a cartografia da própria leitura, como se a cartografia se revelasse mais importante do que a leitura em si.

(retirando sucessivamente marcadores do interior do livro)

- Do início à página 9: Alentejo, horário de autocarros entre Beja e Serpa, 1999;
- Da página 10 à 97: Mar do Norte, bilhete de barco entre as Ilhas Shetland e as Ilhas Faroé, ano 2000;
- Da 98 à 272: Mediterrâneo, outra vez, cartão de um hotel na Sardenha, 2001;
- 273 à 419: Marrocos, cartão de um *rent-a-car* em Marrakech, 2002;
- 420 à 467: Comboio, Lisboa Oriente – Porto Campanhã, 2003;
- 468 à 518: Avião, Porto - Milão, 2004.
-

Parece haver uma perda de energia com este excesso de zelo, tudo marcadinho mesmo à página, mas ainda assim é um trabalho competente e cumpre o prazo. Em 2004 ele ainda estava bem. E se estava bem em 2004, tem que ser depois disso, e antes de 2008, que de algum modo perde o controlo.

Regresso às pilhas de livros. Abandono o segundo volume em cima do primeiro. Pego no terceiro volume.

Aqui. É aqui que tudo se joga. É aqui que a coisa começa a correr mal, é no terceiro volume que começa a perder o controlo do tempo.

(retirando sucessivamente marcadores do interior do livro)

- Do início à página 102: Macau, bilhete de um museu, 2006;
- 102 à 136 (seis anos com a leitura parada): Paris, Euro Disney, o passe que davam no Hotel para escapar às filas maiores e conhecer a pessoalmente a Branca de Neve e as outras princesas, 2012; claramente esta viagem já não é comandada por ele;
- 137 à 236: Galiza, fatura de um restaurante, 2013; não dá para ver bem mas parecem ser calamares;
- 237 à 314: Castelo de Vide, piscina municipal, 2014;
- 315 à 403: Parque Natural de Montesinho, um *bungalow*, 2015;
- 404 à 504: Abadia do Monte Saint-Michel, bilhete de entrada, 2019;
- 505 à 508: Apenas 3 páginas, que horror. Matosinhos, *pack* de 12 aulas de surf, 2020.

Não há mais nada. *(viro o livro ao contrário e abano para garantir que não há mais marcadores)* E ainda faltam 90 páginas para terminar o terceiro volume.

Regresso à pilha de livros.

E depois mais quatro volumes. Está tudo a ficar mais lento, não é? *(olhando para o cronómetro)* Devia ter terminado o terceiro volume em 2012 *(pegando no quarto volume para logo o abandonar)* e o quarto em 2019 e ainda estou a 90 páginas do fim do terceiro. Cada vez avanço mais devagar. Por vezes, em vez de avançar até chego a recuar, a recuar na leitura, concentro-me num pormenor inútil e sinto necessidade de recuar para avançar outra vez e pode acontecer que os recuos superem os avanços, e que vá ficando mais para trás em vez de ficar mais para a frente: Não, assim não dá, tens que ler para a frente, para a frente é que é o caminho, deixa-te dessa merda de ler para trás, de voltar atrás. É uma traição ao teu objetivo. *(abandonando o terceiro volume)* Só leste três volumes – nem isso – três volumes em 30 anos, a este ritmo vais precisar de mais 40 anos para ler os outros quatro. É matemática. Tens 52 anos, portanto daqui a 40 anos já ultrapassaste largamente os 64 anos, a esperança de vida atribuída em 1969 a um

homem português nascido nesse ano, porque daqui a 40 anos tens $52 + 40 = 92$ anos.

Abandono o terceiro volume em cima do segundo.

Já sei o que estão a pensar. Estão a pensar que me enganei, que fiz mal as contas, que não atualizei o raciocínio com a evolução da esperança de vida nesta viragem de século. Sim, já não estamos em 1969, quando nasci, ou em 1991 quando calculei tudo isto, estamos em 2021, o país mudou: Temos melhor assistência médica, menos mortalidade infantil, mais educação, mais alunos no ensino superior, mais acesso à cultura, melhor alimentação, fazemos mais exercício. E uma democracia, claro. Sim, a minha esperança de vida subiu, subiu para 83 anos. Notável, não? Em 50 anos conseguimos *(apontando para o público)* todos, ganhar mais 19 anos de vida. Em 1969 só me garantiam 64 anos, em 1991 já eram 70, e agora posso acreditar em 83, ganhei 19 anos, ganhámos todos. Corações ao alto por isto.

Mas para mim não chega. Preciso de viver até aos 92. *(pegando no sétimo volume)* A este ritmo de leitura preciso de viver até aos 92 para acabar o sétimo volume.

Posso tentar acelerar o ritmo. Posso tentar que alguém termine por mim, alguém mais novo, mas o mais provável é dizerem-me que não, não dá, esquece, o projeto é teu, não vou acabar um projeto teu, e mesmo que alguém fizesse isso, acabar o teu projeto, não faria sentido, porque se o projeto é teu devias ter sido tu a terminá-lo, tanto mais que isto é uma daquelas coisas tuas que andam sempre à volta do mesmo e não interessam a mais ninguém, muito menos a alguém mais novo do que tu, percebes?, e se não terminaste, paciência, tivesses pensado nisso mais cedo e agora não dá, agora estás sozinho, arranja-te.

Abandono o sétimo volume e pego num amontoado de fitas de vídeo magnéticas.

É um processo muito delicado, não sei se percebem. Eu próprio não percebo, mas

dizem-me que estas fitas – as fitas magnéticas das cassetes vídeo - estão repletas de óxidos; ou estavam, quando foram fabricadas, porque agora podem não estar, e o problema é mesmo esse, porque os óxidos tendem a descolar da fita com o tempo, a descolar, percebem?, e as imagens estão nos óxidos, portanto as imagens descolam. E eu fico a pensar: Descolam? Mas descolam e vão para onde? Para onde é que vão essas imagens, esses óxidos que estavam na fita – os óxidos são compostos químicos binários, oxigénio e outro elemento; e os óxidos que podemos encontrar aqui são de ferro ou de cromo – portanto para onde vão as imagens, para onde vão os óxidos?

É fácil. Nada se perde, não é? - então ficam por aí, ficam no ar, ficam à nossa volta. E continuam juntos, os átomos de oxigénio com os átomos de ferro ou cromo, por aí, no ar.

Inspiro profundamente.

E podemos respirá-los.

Agito as fitas junto dos espectadores. Convido-os a respirar comigo.

Podemos respirar as imagens perdidas, deixar estas imagens - que agora são em parte oxigénio - entrar nos nossos pulmões e daí passar para a nossa corrente sanguínea, percorrendo o corpo todo. O corpo todo.

Mas lá está, isto tem problemas: Primeiro, a parte de inalar ferro e cromo, como fizemos agora, não é uma grande ideia; segundo, estas imagens, as que descolaram com os óxidos e que agora circulam dentro de nós, deixaram de ser partilháveis com as outras pessoas à nossa volta... Por isso é muito mais prático garantir que permanecem coladas à fita. E como é que isso se faz? Simples, basta aquecer ligeiramente as cassetes, para que os óxidos se fixem à fita e não descolem quando a cabeça do leitor passa pela fita. Aquecer a fita devagarinho até aos 36 graus, a temperatura do corpo. *(passando as fitas junto do pescoço)* Nós e

os óxidos, a mesma temperatura de conforto. Não é lindo?

Mas não quero que pensem que para me seguir é preciso saber muito de química, eu não sei nada, portanto se voltar a falar em ciências exatas já sabem que não precisam de se concentrar no que digo; *(abandonando a fita magnética)* deixem-se ir, deixem-se descolar como se fossem compostos químicos binários à procura de uma temperatura mais agradável.

Desculpem. Voltei ao mesmo, não foi. Prometi que não pedia mais nada e voltei a pedir. *(retirando as imagens de mim e de Marilyn Monroe)* Ao “não imaginar, não detalhar, não acrescentar, não generalizar” - mais ao “não acreditar”, que também acabei por pedir, confesso, num subterfúgio retórico - a isso tudo somei este “deixem-se ir, deixem-se descolar”. Que coisa estúpida para se pedir a alguém, não é? Desculpem, não aceitem esta comparação entre vocês e compostos químicos binários. Não descolem, a sério. Isto leva o seu tempo.

Fast Forward no leitor BETA, provocando um avançar rápido das imagens com duas riscas transversais.

Era assim: para ir de A a C, não se podia evitar passar em B. E se depois quiséssemos voltar a A, mesmo que soubéssemos com toda a certeza que B não nos interessava...

Retorno a Play. Excerto de “Careless Whisper”, George Michael: I'm never gonna dance again, Guilty feet have got no rhythm, Though it's easy to pretend, I know you're not a fool. Retomo Fast Forward.

...tínhamos mesmo de passar novamente em B. Somos como Aquiles a tentar ultrapassar a tartaruga, a tartaruga que partiu primeiro do que ele e que estava sempre à sua frente; porque para Aquiles chegar ao ponto onde a tartaruga estava, teria sempre de passar no ponto onde ela esteve uma fração de segundo antes.

Retorno a Play. Excerto de "Together in Electric Dreams", Philip Oakey & Giorgio Moroder: We'll always be together, However far it seems (love never ends), We'll always be together, Together in electric dreams. Retorno Fast Forward.

Claro que este é um paradoxo incoerente, porque nós sabemos que Aquiles vai alcançar a tartaruga, porque o tempo não é infinitamente divisível.

E por isso Aquiles e a tartaruga vão-se encontrar numa unidade mínima e indivisível de tempo, em que Aquiles ultrapassa mesmo a tartaruga.

Retorno a Play. Excerto de "Love Kills", Freddie Mercury: "Love kills, drills you through your heart, Love kills, scars you from the start, It's just a living pastime, Ruining your heartline, Stays for a lifetime, won't let you go. Retorno Fast Forward.

É tudo muito concreto nesta fita - ferro, cromo, aqui, nesta fita - porque estamos sempre a passar pelas coisas. E claro, passar pelas coisas torna-nos imensamente frágeis. As coisas arrastam-se umas contra as outras (*apontando a imagem*) Estão a ver estas duas riscas? É a fita a ser arrastada contra a cabeça de leitura. Aqui nada é infinito, eterno, nada se conecta com o exterior, está tudo a degradar-se continuamente. Estão a ver a fita? Estão a ver as riscas?

Retorno a Play. Excerto de Johnny Guitar, de Nicholas Ray. Tento dobrar as falas de Vienna, ignorando a legendagem que passa no ecrã.

JOHNNY - How many men have you forgotten?

VIENNA - As many women as you've remembered.

JOHNNY - Don't go away.

Ainda aqui estou...

VIENNA - I haven't moved.

Legenda no ecrã: "Não me mexi."

JOHNNY - Tell me something nice.

Claro... o que é que queres ouvir?

VIENNA - Sure. What d'you want to hear?

Legenda no ecrã: "Que queres ouvir?"

JOHNNY - Lie to me. Tell me all these years you've waited. Tell me.

Estive à tua espera estes anos todos.

VIENNA - All these years I've waited.

Legenda no ecrã: "Esperei todos estes anos."

JOHNNY - Tell me you'd have died if I hadn't come back.

Eu tinha morrido se não voltasses.

VIENNA - I would have died if you hadn't come back.

Legenda no ecrã: "Morreria se tu não voltasses."

JOHNNY - Tell me you still love me like I love you.

Eu amo-te como tu me amas a mim.

VIENNA - I still love you like you love me.

Legenda no ecrã: "Ainda te amo como tu me amas."

JOHNNY - Thanks.

Imagens de desporto, sobretudo futebol, e publicidade, sobretudo centrada em corpos femininos – Martini, Mateus Rosé, Bien Être. Maria Zilda e Maitê Proença dançam ao som de "A Little Girl from Little Rock", interpretação de Marilyn Monroe e Jane Russell. Imagens do jogo de futebol Celtic - Rapid. Pausa. Frame de Peter Pacult.

Quando chego aqui, quando chego a este momento, dói-me sempre a cabeça. Não sei se me dói a cabeça por causa deste momento, ou se me dói a cabeça pela acumulação de tudo o que vi: Acumulação de canções – George Michael, Philip Oakey, Freddie Mercury; acumulação de mulheres – Joan Crawford, Maitê Proença, Maria Zilda, e outras de que nem sei o nome, só as marcas: Mateus Rosé, Martini, Bien Être; acumulação de golos – do Gomes, do Futre, do Peter Pacult.

Peter Pacult. Quase no fim da fita, Peter Pacult. Será uma coincidência? *(recuperando a fita magnética para a arrumar)* Será uma coincidência realçar a importância das imagens que estão nas pontas da fita, o John Waite no início e o Peter Pacult no fim? Como se fosse mais importante recordar as extremidades do que aconteceu, os contornos, como naquelas plantas que os arquitetos faziam, nuns estiradores gigantes, marcando a azul o contorno dos edifícios que imaginavam?

Não é fácil. Nada disto é fácil, não é fácil de resumir. Nem digo a cassette em si, que começa com música, acaba com futebol e tem imensas raparigas pelo meio, o que mais me poderia interessar aos 15 anos? Falo do Peter Pacult, não é fácil de resumir esta eliminatória da Taça das Taças. Estamos a falar de coisas importantes, a Taça das Taças era muito importante, aliás eu era capaz de jurar que nesta cassette devia estar o resumo da final da Taça das Taças da época anterior quando o FC Porto é derrotado pela Juventus. Mas não está, não sei como, mas não está. Portanto não vos posso mostrar aqui o primeiro golo dos italianos, o remate cruzado do Vignola, enrolado, a enganar o Zé Beto. O nosso golo, o golo do empate: Passe do Frasco, Gomes a amortecer de cabeça, toque curto do Jaime Magalhães e remate na passada, do Sousa, com a bola a bater no chão e a saltar por cima do Tacconi. E depois o golo da vitória deles, indecente, *(como se o público também pudesse ver)* vejam, reparem como o Boniek faz falta sobre o João Pinto, reparem como lhe puxa o braço, como o deixa fora da jogada. Incrível como 37 anos depois, o que aconteceu continua a ser o que aconteceu, não muda, o Boniek não larga o braço do João Pinto, porque uma coisa não passa

a ser outra só porque insistimos em olhar para ela, uma coisa não passa a ser outra porque desistimos de olhar para ela.

Vou buscar duas imagens da Taça das Taças, impressas e recortadas em grande formato para colocar em exposição.

Perdemos o jogo, ficaram os italianos com a taça, levaram a taça com eles, para Turim. Não. Levaram uma taça, mas não levaram A taça, porque nós também levámos uma taça, não aquela que eles levaram, mas uma igual que mandámos fazer. Igualzinha. E porque é que nós fizemos uma taça? Porque foi uma grande injustiça – aquilo do Boniek a puxar o braço do João Pinto e outras coisas.

Portanto, para nós a taça passou a ser a nossa, porque essa é que era a justa, e a deles é que era a outra; não só a deles não era “A taça” – porque se havia mais do que uma não podia haver “A taça”, mas apenas “UMA taça” e “OUTRA taça” - mas a deles, para nós, era a outra taça e a taça mesmo era a nossa, que para eles era uma réplica, mas para nós não, para nós réplica era a deles.

Qual é uma e qual é outra? Qual é a taça que ficaria até hoje num museu do Porto? Qual é a taça que a Juventus levou para exhibir em Turim e devolveu um ano depois, para ser disputada na edição seguinte da Taça das Taças, por Rapid de Viena e Celtic de Glasgow? A eliminatória entre austríacos e escoceses, numa noite terrível de nevoeiro.

E aí sim, entrou Peter Pacult, o meu querido Peter Pacult. (*Play no leitor BETA*) O autor do golo num contra-ataque genial. Peter Pacult, o herói do jogo. E no fim, quando ele sai do campo; só se vê uma perna, reparem; pontapé de um adepto adversário, viram? Estão a vê-lo? (*referindo-me ao agressor; Rewind + Play. Repito*) À traição, viram? (*apontando para adepto do Celtic*) No baixo ventre, disse o locutor? Mas o C-80 da Sony – isto eu já tinha dito – permite-me avançar fotograma a fotograma (*o vídeo avança frame a frame*). Fotograma a fotograma, tudo analógico, na altura, agora avanço digitalmente porque o motor já não funciona, a placa elevatória também encravou e o que estamos a ver aqui, desde o início, é uma cópia digital; se soubessem como lamento só vos contar isto agora,

se soubessem como me custa não poder correr as imagens originais. Fotograma a fotograma para compreender o que aconteceu, para denunciar, acho que devia ser isso, fotograma a fotograma eu queria denunciar este ato de violência sobre o herói, Peter Pacult, que marcou o golo decisivo, Peter Pacult a contorcer-se de dores, deitado sobre a relva numa noite fria de dezembro, maltratado, agredido pelo sonho de uma taça, aquela que seria entregue ao vencedor, ou uma outra que os vencidos mandassem fazer, para garantir que a história não os esquecia.

(enquanto o sinal vídeo desaparece) Qual taça? Esta ou esta? Será que isto aconteceu assim? As páginas à esquerda e as páginas à direita, as riscas na camisola e as riscas no fato de banho? Ou sou eu que de cada vez que vejo, de cada vez que conto, acrescento alguma coisa para que a memória se pareça cada vez mais com o que devia ter acontecido?

Sentado em cima dos 7 volumes de “Em Busca do Tempo Perdido”.

Se calhar herdei isto do meu avô, isto de escrever o que se recorda até que bata certo com o que devia ter sido. Porque o meu avô fez isto muito melhor do que eu, sou um amador à beira dele, ele que esteve em África, há cem anos, a defender as fronteiras portuguesas dos avanços do exército alemão, na primeira guerra mundial, e um dia foi feito prisioneiro e levado pelo deserto numa interminável caminhada – imaginam?

Imaginem como quiserem – isso já sabem, foi a primeira coisa que vos pedi – mas eu sempre imaginei assim:

À frente, com banda sonora cinematográfica.

A extensão da areia, o sol, o horizonte turvo pelo calor, pela desidratação. O meu avô a contar da sede que sentia, o momento em que pediu água ao soldado

alemão, esperando certamente um gesto de empatia, de misericórdia – entre militares, aquilo da honra e respeito entre inimigos – e o soldado alemão a cuspir no chão e a dizer “bebe”. Bebe? Em que língua? Em alemão, claro, ainda que eu imaginasse em inglês. Como é que é possível? Bebe?!

A caminhada a continuar até ao momento em que o alemão tem sede, e o cantil vazio – ironia tão fina, ele próprio ter sede depois de recusar, de modo grotesco, água ao seu prisioneiro – agora também ele tem sede e ajoelha-se para beber, num oásis, para haver água só podia ser num oásis, com palmeiras a conferir alguma sombra à cena, o alemão a encostar a espingarda a uma palmeira muito alta, a beber, debruçado sobre a água fresca, as mãos em concha. O instante em que o soldado português rouba a espingarda do soldado alemão, uma coronhada, seca e certa, na cabeça. O alemão morto. O meu avô a saciar enfim a sede, na água cristalina do oásis, agora salpicada de vermelho pelo sangue do inimigo que nela desliza.

Sentado em cima dos 7 volumes de “Em Busca do Tempo Perdido”.

Não está bem? Não é uma boa memória? Não é um momento que dá sentido à tua experiência, a tantos perigos e sofrimentos que realmente passaste? Não é uma boa maneira de garantir que os outros te olham como achas que mereces ser olhado ao regressar do que viveste? Não é algo que vai atravessar os tempos sendo contado aos teus filhos e netos e bisnetos e trinets e por aí fora?

É. Claro que é. Então o que importa que os arquivos do exército demonstrem que ele nunca passou por uma situação de combate? O que importa que toda a historiografia demonstre que nas datas da sua campanha em África não havia um único alemão num raio de milhares de quilómetros? O que importa? Não continua a ser uma boa história para o recordar?

Para falar dele? Para testemunhar o que aconteceu? O que de facto aconteceu?

Interrompo a contagem do cronómetro. Refiro o tempo final. Recupero as imagens das duas taças e começo a sair. Hesito. Volto.

Esta ou esta?

Saio.